

Internacionalização da Educação Superior: um convite à leitura de Jane Knight

Internationalization of Higher Education: an invitation to read Jane Knight

Suiane Costa Alves¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
suiane.alves@prof.ce.gov.br

Carolina Schenatto da Rosa²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
carolinaschenatto@gmail.com

José de Caldas Simões Neto³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
josedecaldasneto@gmail.com

Resumo: A internacionalização é um tema que tem ganhado cada vez mais espaço dentro das discussões sobre educação superior. Nesta resenha convidamos à leitura de “Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios”, primeira obra escrita por Jane Knight traduzida para língua portuguesa. A publicação é fruto da parceria entre a autora e o Centro de Estudos Internacionais em Educação do PPG de Educação da Unisinos. Knight, professora e pesquisadora vinculada ao Ontario Institute for Studies in Education (OISE-University of Toronto), tem dedicado sua carreira a compreender e qualificar as discussões em torno da Internacionalização da Educação, sendo uma das primeiras autoras a definir teoricamente este conceito.

Palavras-chave: Resenha; Internacionalização; Educação Superior; Jane Knight.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Abstract: Internationalization is a subject that has been gaining more and more space in the discussions on higher education. This review is an invitation to read “Internationalization of higher education: concepts, trends and challenges”, the first work by Jane Knight published in Portuguese. The publication is the result of a partnership between the author and the Center for International Studies in Education, linked to the Unisinos Graduate Program in Education. Jane Knight is a professor and researcher at the Ontario Institute for Studies in Education (OISE-University of Toronto) and has dedicated her career to understanding and qualifying the discussions related to the Internationalization of Education, being one of the first authors to define this concept theoretically.

Keywords: Review; Internationalization; Higher Education; Jane Knight.

Tendo em vista o impacto da internacionalização na agenda do ensino superior neste início do século XXI, o Centro de Estudos Internacionais – CEIE, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos, publicou “Internacionalização da Educação Superior: conceitos, tendências e desafios”, primeira obra de Jane Knight traduzida para a língua portuguesa. Composto por artigos originalmente escritos em inglês e publicados ao longo da última década, o livro apresenta estratégias, valores, mitos e verdades sobre o tema em pauta. Para ilustrar a pluralidade da internacionalização, o livro traz em sua capa a obra “O nascimento do arco-iris”, de Flávio Scholles, simbolizando que a internacionalização pode ser encontrada nas múltiplas cores e nuances das práticas interculturais, na pluralidade de modelos e estratégias desenvolvidos por instituições e países, e, até mesmo, na crítica aos que a limitam a um fim em si mesma, buscando por um “pote de ouro” para o ensino superior. A obra, dividida em oito capítulos, é uma introdução ao tema, um convite para conhecer o conceito e identificar as tendências das políticas e práticas de internacionalização em tempos tão desafiadores para a educação superior quanto as últimas duas décadas, marcadas pela emergência das pautas migratórias, pelas tensões e reviravoltas políticas, pelas crises ambientais e, mais recentemente, pela pandemia de COVID-19.

O capítulo 1, intitulado *A internacionalização da educação superior: conceitos, razões e marcos de referência*, tem por objetivo apresentar diferentes marcos analíticos para apreender os conceitos e elementos centrais da internacionalização, bem como obter uma compreensão mais abrangente deste processo multiestratificado. Ao longo do texto a autora promove reflexões sobre as atividades internacionais, mobilidade acadêmica, projetos e parcerias em nível internacional, promovendo uma aprendizagem colaborativa. Ao abordar a evolução e o emprego do termo “internacionalização” ao longo dos últimos

cinquenta anos, em interface com a globalização, a regionalização e, agora, a planetização, Knight enfatiza a necessidade de compreender o conceito como um processo permanente de mudança, como uma “ização”, e não como um “ismo” ou uma ideologia.

Partindo do princípio da “ização”, a autora buscou elucidar os benefícios e resultados do processo de internacionalização a partir dos aspectos acadêmicos, culturais, econômicos, políticos e sociais, enfatizando a importância da dimensão intercultural para a formação do corpo discente e docente “em casa”, ou seja, em sua comunidade ou país. O capítulo finaliza com reflexões sobre “a direção que a internacionalização está tomando” (p.41), mostrando suas transformações e impactos no currículo e no processo de ensino e aprendizagem, promovendo o pensamento criativo, a solução de problemas, a empatia, a cooperação e o aprofundamento da própria contribuição à construção de comunidades locais, nacionais e internacionais.

O capítulo seguinte, *A internacionalização da educação superior está passando por uma crise de identidade?*, inicia tratando da complexidade e das mudanças que envolvem o processo de internacionalização do ensino superior e como este está arrimado aos planos estratégicos, políticas educacionais e declarações internacionais relacionadas ao tema. A internacionalização não apenas transformou o ensino superior, como promoveu um processo de cooperação e mobilidade acadêmica nunca visto anteriormente, ressalta Knight. Este capítulo objetiva abordar a questão da crise de identidade no processo de internacionalização do ensino superior, explorando consequências indesejadas, mitos e verdades relacionados a este processo.

Dando continuidade à discussão acerca da compreensão da internacionalização como processo, a autora enfatiza os avanços no campo conceitual a partir da inclusão dos termos “internacionalização em casa” e “educação transfronteiriça”. Nesse contexto, não são apenas estudantes, docentes e pesquisadores que têm mobilidade internacional; programas acadêmicos estão sendo oferecidos fora das fronteiras nacionais e *campi* filiais estão se estabelecendo ao redor do mundo. Dentre os mitos frisados pela autora, o de maior repercussão se refere à crença de que quanto mais internacional é uma universidade, melhor é sua qualidade. Entre as verdades sobre a internacionalização, observa-se que esta não é “um fim em si mesma”, ela se baseia no contexto local, sendo um processo customizado que traz benefícios, riscos e consequências.

No terceiro capítulo, intitulado *“Universidades internacionais: mal-entendidos e modelos emergentes”*, a autora argumenta acerca dos significados do conceito de “universidade internacional” a partir de três modelos: clássico, satélite e cofundado. Seu objetivo é, por meio do enfoque de suas características, oferecer um panorama em perspectiva cronológica dos desdobramentos do conceito chave. O modelo

clássico representa a “primeira geração” de universidades internacionalizadas e é “de longe, a interpretação e o emprego mais comum do termo ‘universidade internacional’” (p.68), sendo caracterizado pela colaboração e formação de parcerias nas mais diversas atividades acadêmicas e de gestão.

O modelo satélite é constituído por universidades que desenvolvem estrategicamente uma série de atividades em diferentes partes do mundo por meio de escritórios de pesquisa, ensino ou gestão. O cenário desta segunda geração de universidades internacionais está mudando rapidamente e a tendência é o aumento de centros satélite e a diversificação das atividades desenvolvidas. A autora salienta, ainda, que “o modelo satélite é um termo genérico e não indica uma abordagem comum” (p.69). Por fim, a terceira e mais recente geração é formada por universidades fundadas em parceria com uma ou mais instituições no exterior. O elemento central do modelo cofundado é que as “parcerias acadêmicas de diferentes países se envolveram no estabelecimento da nova instituição” (p.71). Entre as características comuns das três gerações, destaca-se a “mescla culturalmente rica do corpo acadêmico”. Como desafio, a autora propõe-se a pensar em uma possível quarta geração, o modelo de “edu-glomerados”, que permitiria a mescla de cursos de diversos provedores de instituições locais e internacionais por meio de um sistema comum e reconhecido de créditos.

No quarto capítulo, intitulado *Três gerações de educação superior transfronteiriça: novos desdobramentos, questões e desafios* são apresentadas três gerações da dimensão transfronteiriça da educação internacionalizada. A primeira e mais popular das gerações é caracterizada pela mobilidade de pessoas, a segunda caracteriza-se pela mobilidade de programas e provedores e a terceira geração centra-se no desenvolvimento de polos educacionais, compreendidos pela autora como “um esforço concertado e planejado por um país (ou zona, ou cidade) para construir uma massa crítica de atores no campo da educação/do conhecimento e fortalecer seus esforços a fim de exercer mais influência no novo mercado educacional” (p.93).

Entre questões emergentes, desafios e consequências destas três gerações a autora ressalta: a) a equidade do acesso; b) as limitações quanto à avaliação e quanto aos critérios de qualidade da educação; c) as dificuldades de validação e reconhecimento dos programas e qualificações internacionais; d) a adequação do currículo de programas estrangeiros ao contexto local; e) o papel geopolítico dos polos educacionais; f) a “disputa por cérebros” e o recrutamento de estudantes do exterior; g) os perigos da dupla titulação; h) as tensões culturais entre as instituições e países anfitriões.

Como conclusão, Knight ressalta que, apesar de seu grande potencial, a educação transfronteiriça não pode se firmar às custas da qualidade e da integridade acadêmica de cada instituição ou país. Os prós e

contras apresentados ao longo do capítulo diferem de acordo com o contexto político, econômico, cultural e social de cada localidade, contudo, “os riscos são maiores para um país receptor na medida em que programas e provedores estrangeiros de educação certamente impactam o setor local de ensino superior e o acesso a ele” (p.101).

O quinto capítulo foca em um dos desafios apresentados no capítulo anterior: a dupla titulação. O texto “*Programas de titulação dupla: dúvidas e dilemas*” objetiva esclarecer a confusão entre programas de titulação conjunta, dupla e consecutiva (TCDC), pois enquanto que no programa de titulação conjunta uma única qualificação é concedida pelas instituições cooperantes, no programa de titulação dupla ou múltipla duas ou mais qualificações de mesmo nível são conferidas ao titulado, uma por cada instituição. Após apresentar uma síntese das principais pesquisas sobre programas internacionais de TCDC na Europa, nas Américas, na África e na Ásia, algumas tendências gerais são apresentadas: a) programas de titulação dupla são bem mais comuns do que programas de titulação conjunta; b) a maioria dos programas de titulação conjunta envolve duas instituições, e não múltiplas; c) os programas de titulação conjunta e dupla acontecem, em sua maioria, no nível de mestrado; d) há maior incidência de programas TCDC nas áreas da administração e engenharia; e) inclusão do estágio no exterior como componente do currículo; f) programas TCDC online estão sendo desenvolvidos para facilitar a mobilidade de programas; g) desenvolvimento de grandes consórcios internacionais com instituições de diferentes partes do mundo; h) emergência de programas de titulação consecutiva que oferecem duas titulações em níveis separados nos dois países diferentes. Nas conclusões a autora aponta a necessidade de haver “uma compreensão comum do que programas conjuntos, duplos e consecutivos efetivamente significam e implicam, e resolver os problemas de alinhamento acadêmico inerentes ao trabalho em diferentes marcos regulatórios, culturas e práticas nacionais” (p. 121).

O capítulo seis, *Mobilidade internacional de programas e provedores: inovações e desafios*, trata de compreender o “novo léxico da mobilidade acadêmica internacional” a partir da distinção entre “mobilidade internacional de programas e provedores (IPPM) e mobilidade internacional de discentes e docentes (ISSM). Tendo como foco a IPPM, o texto apresenta o esboço de um Referencial de Classificação de IPPM dividido em 6 categorias: 1) Programas de Franquias; 2) Campus filiais internacionais; 3) Educação autônoma a distância; 4) Programas de parceria; 5) Universidade conjunta internacional; 6) Educação a distância como parceiro local (p. 136). Vale ressaltar que muitos países dependem da IPPM para oportunizar um maior acesso à educação superior, bem como a diversidade de programas e infraestrutura. Night salienta a importância deste referencial para o desenvolvimento de políticas de ensino superior em nível nacional,

regional e internacional, além de subsidiar o monitoramento e avaliação da qualidade das diferentes modalidades de mobilidade.

O sétimo capítulo, *Exame da regionalização da educação superior a partir do Modelo de Abordagem Funcional, Organizacional e Política*, inicia com discussões sobre o processo de regionalização cujo objetivo se expressa através de um marco conceitual e do modelo de Abordagem Funcional, Organizacional e Política (*Functional, Organizational and Political Approaches* [FOPA]) para analisar o fenômeno evolutivo da regionalização do ensino superior (p. 148). Assim, a regionalização da educação superior introduz o processo de criação intencional de conexões entre atores do sistema educacional superior em uma determinada região, definido por Knight como “*educação superior como instrumento para a integração regional*” (p. 149). Este capítulo buscou discutir o processo de regionalização mais ligado ao FOPA, promovendo o mapeamento de suas características, valores e prioridades, bem como reflexões sobre os diversos aspectos da regionalização.

O último capítulo *Diplomacia do conhecimento: o papel da educação superior internacional, da pesquisa e da inovação nas relações internacionais* promove ponderações acerca de uma maior compreensão do papel da diplomacia do conhecimento (p. 178). Dessa forma, ao longo do capítulo foi feito o diálogo sobre a importância da educação superior, enfocando a diplomacia do conhecimento mediante a cooperação, reciprocidade e mutualidade de benefícios, fortalecendo a relação entre países. Nessa caminhada, o conceito de diplomacia torna-se imperativo, pois possibilita a reflexão sobre o papel do governo, geralmente representado pelo Ministério de Relações Exteriores, e dos representantes nas embaixadas ao redor do mundo, motivando a produção de pesquisa e inovação (ESIPI) (p. 180). Como conclusão, a autora afirma que a diplomacia não está livre de desafios, salientando que a diplomacia do conhecimento reconhece a diversidade de prioridades e recursos entre os países, onde valores como colaboração passam a fazer parte dessa trajetória de ampliação de conhecimentos e fortalecimento da internacionalização.

A coletânea apresenta uma síntese da trajetória de pesquisa de Knight, abordando a internacionalização da educação superior em suas diferentes feições. *Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios* é uma bibliografia indispensável para todos que desejam iniciar ou aprofundar seus estudos no tema. A tradução dos textos para língua portuguesa é inédita e a publicação

permite acesso gratuito⁴ a uma parcela da produção intelectual de uma das mais importantes pesquisadoras da área.

Referências:

KNIGHT, Jane. **Internacionalização da educação superior: conceitos, tendências e desafios**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

Submetido: 24/05/2021

Aceito: 10/07/2021

⁴ Obra disponível gratuitamente em: <http://oikoseditora.com.br/files/Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20educ%20superior%20-%20JANE%20KNIGHT%20-%20e-book.pdf>